

Olhares sobre a Arte Portuguesa: alunos de Estudos da Cultura Portuguesa da Universidade Mohammed V, de Rabat, Marrocos

The looks on the Portuguese Art: students of the Portuguese Culture Studies at the University Mohammed V, of Rabat, Morocco

LUÍS JORGE RODRIGUES GONÇALVES* & CLÁUDIA MATOS PEREIRA**

Artigo completo submetido a 2 de maio de 2018 e aprovado a 9 de Maio de 2018

*Portugal, artista visual e professor de História de Arte. Afiliação: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Largo da Academia Nacional de Belas Artes 14, 1249-056 Lisboa, Portugal. E-mail: luisg@campus.ul.pt

**Brasil, artista plástica e investigadora do CIEBA. Afiliação: Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e Estudo em Belas-Artes da Universidade de Lisboa, CIEBA. Largo da Academia Nacional de Belas Artes 14, 1249-056 Lisboa, Portugal. E-mail: claudiamatosp@hotmail.com

Resumo: Pretende-se refletir sobre o ensino da História da Arte Portuguesa e a importância desta disciplina no conhecimento de uma cultura, a partir da análise dos trabalhos apresentados por alunos do Curso de Licenciatura de Estudos Portugueses da Universidade Mohammed V de Rabat.

Palavras chave: Arte Portuguesa / ensino / análise de imagem / sensibilidade.

Abstract: *We intend to reflect on the teaching of Portuguese Art History and the importance of this discipline in the knowledge of a culture, from the analysis of the works presented by students of the Degree in Portuguese Studies, University Mohammed V in Rabat.*

Keywords: *Portuguese Art / teaching / image analysis / sensibility.*

Introdução

O curso de licenciatura de Estudos Portugueses da Universidade Mohammed V, de Rabat, é resultado da cooperação com a Universidade de Lisboa e o Instituto Camões. Na formação dos alunos existe a disciplina de História da Arte Portuguesa, dividida entre os séculos XVI-XVIII e os séculos XIX-XXI (Gonçalves, 2017). No contexto da narrativa de Arte Portuguesa, entre os séculos XVI e XVIII, foram inseridas introduções à composição, à cor e à análise de imagens.

A avaliação solicitada aos alunos no ano letivo 2017/18, passou pela realização da leitura/interpretação de uma pintura tratada nas aulas, do período cronológico ministrado.

Partiu-se de dois pressupostos: o primeiro, são alunos da área das letras e, portanto, propunha-se que desenvolvessem a capacidade de leitura de imagens; o segundo, são imagens de uma cultura histórico-artística, diferente daquela em que os estudantes estão inseridos. Foi dada a liberdade de escolha aos alunos para analisarem as pinturas, de acordo com a sua sensibilidade e gosto.

As obras escolhidas foram variadas. Por questões de privacidade os alunos são mantidos em anonimato, sendo atribuída uma letra para designar cada aluno. Os trabalhos escolhidos são os seguintes, apresentados por ordem cronológica: aluna A, "O Inferno", autor desconhecido, cerca de 1510 (Figura 1); aluna B, "Retrato de D. Sebastião", de Cristovão de Morais, 1571-1574 (Figura 2); aluno C, "Retrato de D. Sebastião", de Cristovão de Morais, 1572 (Figura 3); aluna D, "Santa Maria Madalena", de Josefa de Óbidos, de cerca de 1650 (Figura 4); aluna E, "Alegoria ao Terramoto de 1755", João Glama Strobërle, pintada entre 1756 e 1792 (Figura 5); aluno F, "Lisboa protegendo os seus habitantes", de Domingos Sequeira, de 1812 (Figura 6); aluno G, comparação entre os dois quadros: "Adoração dos Magos" de António Campelo, cerca de 1570-1580, e "Adoração dos Magos" de Domingos Sequeira, de 1828 (Figura 7 e Figura 8).

A realização do trabalho pressupunha, na introdução, a referência das razões da escolha, o contexto artístico, a vida do artista e as suas obras principais. No desenvolvimento pedia-se a análise da obra escolhida, apresentando os aspectos narrativos, como o tema, figuras representadas, símbolos, elementos de composição, como linhas, volumes, as cores e os efeitos claro/escuro. Solicitou-se também, os possíveis significados da obra e a sua função. Na conclusão, os alunos deveriam descrever uma visão pessoal e o impacto que a obra lhes causou. A metodologia utilizada nas aulas para a leitura de imagens, se inspirou na arte-educadora de Ana Mae Barbosa (2008a:35) e em sua Proposta Triangular.



Figura 1 - "O Inferno." Autor desconhecido, cerca de 1510/1520, óleo sobre madeira, 119 cm x 217,5 cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (aluna A). Fonte: foto de — Daniel Villafuela, 17/09/2014. Disponível em URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lisboa-Museu_Nacional_de_Arte_Antiga-Inferno-20140917.jpg



Figura 2 · "Retrato de D. Sebastião." Cristovão de Morais, 1571-74, pintura a óleo sobre tela, 100 cm x 88 cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (aluno B). Fonte: Pereira, Paulo (1999).

2000 years of Art in Portugal. Lisboa: Temas e Debates. ISBN 972759204X

Figura 3 · "Retrato de D. Sebastião."

Cristovão de Morais, 1572, óleo sobre tela, 183 cm x 100 cm, Museo del Prado, Madrid (aluno C). Fonte: Disponível em

URL: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portrait_of_King_Sebastian_at_El_Prado_-_Crist%C3%B3v%C3%A3o_de_Morais_-_1572.jpg



Figura 4 · “Santa Maria Madalena.” Josefa de Óbidos, cerca de 1650, óleo sobre tela, 22,8 cm x 18,4 cm, Musée du Louvre, Paris (aluno D). Fonte Disponível em URL: <https://acervo.publico.pt/culturaipsilon/noticia/luzes-e-espiritualidade-num-quadro-de-josefa-de-obidos-1693974>



Figura 5 · "Alegoria ao Terramoto de 1755."

João Glama Strobërle, pintado entre 1756 e 1792, óleo sobre tela, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (aluna E). Fonte: Disponível em URL: https://www.reddit.com/r/portugal/comments/7e9zup/alegoria_ao_terramoto_de_lisboa_de_1755_pelo/



Figura 6 · “Lisboa protegendo os seus habitantes.”

Domingos Cerqueira, 1812, óleo sobre tela,
225 cm x 138 cm, Museu da Cidade de Lisboa

(aluno F). Fonte: Disponível em URL:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa_protegendo_os_seus_habitantes_\(Sequeira\)#/media/File:Domingos_Sequeira_-_Lisboa_protegendo_os_seus_habitantes,_1812.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa_protegendo_os_seus_habitantes_(Sequeira)#/media/File:Domingos_Sequeira_-_Lisboa_protegendo_os_seus_habitantes,_1812.png)

Figura 7 · “Adoração dos Magos.” António
Campelo, cerca de 1570-1580, óleo sobre tela,
Refeitório do Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa

(aluno G). Fonte: Disponível em URL:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Adoration_by_the_shepherds_-_Cloister_of_Mosteiro_dos_Jer%C3%B3nimos.JPG





Figura 8 · "Adoração dos Magos."

Domingos Sequeira, 1828, óleo sobre tela,
100 cm x 140 cm, Museu Nacional de Arte Antiga,
Lisboa (aluno G). Fonte: Disponível em URL:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Adora%C3%A7%C3%A3o_dosMagos_\(Sequeira\)#/media/File:A_Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos_\(1828\)_-Domingos_](https://pt.wikipedia.org/wiki/Adora%C3%A7%C3%A3o_dosMagos_(Sequeira)#/media/File:A_Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos_(1828)_-Domingos_)

1. Os trabalhos — dinâmica do olhar dos alunos para o outro, através da arte

A nossa perspectiva da História nos assinala a importância de se promover um ensino de arte, “onde um recorte cultural seguro preceda a colagem criativa e enriquecedora da experiência estética” (Barbosa, 2008b:172).

O estudo da História da Arte Portuguesa correspondeu a uma nova dimensão de descoberta da cultura portuguesa e do seu íntimo, por alunos cujo olhar partia da língua e da literatura (Gonçalves, 2017). O nosso olhar sobre os trabalhos escolhidos incide sobre os temas e a forma como foram abordados. Foi a primeira experiência para os alunos, mas reveladora de um sentido. Optou-se por analisar alguns trabalhos dos alunos que compõem um conjunto maior, pois não seria possível abordar a todos, neste breve artigo.

Os trabalhos dedicados aos retratos de D. Sebastião, de Cristovão de Moraes, foram dois: dos alunos B e C. Foi uma surpresa, visto que na cultura popular portuguesa, este rei partiu à conquista de Marrocos, morreu na batalha de Alcácer Quibir e ‘um dia vai regressar’. No entanto, na cultura marroquina, ele é um rei português que morreu em Marrocos, durante um processo histórico complexo. Trata-se de um rei popular naquele país, porque é visto como estando a auxiliar o sultão marroquino Abu Abdallah Mohammed II Saadi, deposto por seu tio Abu Marwan Abd al-Malik I Saadi, no contexto de uma guerra de influências do Império Otomano, em Marrocos. O rei D. Sebastião era aliado do sultão Abu Abdallah Mohammed II Saadi, que se opunha aos otomanos, ao contrário de seu tio. Neste contexto, o rei D. Sebastião é, na cultura popular marroquina, um rei que veio apoiar um sultão que defendia a independência, contra a influência dos otomanos.

Nos trabalhos sobre os retratos de D. Sebastião observamos essa simpatia. Para a aluna B, o retrato escolhido de D. Sebastião “exprime poder, juventude e fidelidade” e para o aluno C, o rei “D. Sebastião nunca morreu entre o povo português, esteve sempre presente na mente do povo e dos grandes portugueses” concluindo que “nas artes e na literatura, é um símbolo do imaginário do povo português”. São reflexos da literatura, exprimindo a imagem literária e mítica, onde há um grau de simpatia pessoal pelo rei que morreu em Marrocos. O aluno C, usando bibliografia específica, descreve que a obra reflete “as convenções tradicionais do retrato de representação da casa da Áustria” onde os panejamentos “incorporaram a identificação dos retratados e das monarquias com a defesa do cristianismo”, casos de Carlos V e Felipe II. Há neste aluno o sentido da exploração dos traços e, ao mesmo tempo, referências aos fortes contrastes entre as cores claras e escuras que o retrato exprime.

Ainda dentro dos temas profanos, a aluna E escolheu “Alegoria ao Terramoto de 1755”, de João Glama Strobërl. Ela justificou a sua escolha, por ser uma “alegoria ao terramoto, com naturalismo, figuração, cores frias e quentes que exprimem a catástrofe”. Observou o lado documental de um artista, que durante 36 anos se dedicou a pintar este quadro, que surge como uma fonte psicológica da tragédia que afetou Lisboa em 1755. A aluna E considerou que esta tela foi a imagem de uma calamidade, onde o pintor representou o momento na paisagem da cidade, na atmosfera das pessoas, mas utilizando as cores e o seu forte contraste para realçar um quadro terrível.

Outro tema profano analisado pelo aluno F foi “Lisboa protegendo os seus habitantes”, de Domingos Cerqueira. O referido aluno, buscando as fontes, descreve o quadro como a representação “de uma jovem e bela mulher, simbolizando Lisboa”. A figura de Lisboa recebe uma mãe e um filho dos arredores, que buscam refúgio na cidade, com as suas chaves, durante a terceira invasão francesa. Para o aluno F, trata-se de uma pintura cujo significado é “celebrar a resistência da cidade de Lisboa e a derrota dos franceses.”

No universo das obras de temas religiosos temos um pequeno grupo, mas muito significativo de pinturas. A escolha da aluna A recaiu sobre o “Inferno”, de autor desconhecido, cerca de 1510. Trata-se de uma obra complexa. Esta aluna partiu da seguinte questão: “Quais são as mudanças substanciais que o fogo tem provocado na sociedade?” E continua afirmando:

Sem dúvida o fogo tem outro gosto na boca dos homens, porque no início apenas iluminava, acariciava mesmo, protegia, amava, adorava, consumia, purificava. Mas afinal, ganhou memórias e perdeu a inocência. Agora o fogo é mais um ser social, uma autoridade, do que um fenómeno natural e, portanto, pelo que referi anteriormente, qual será a nova função que o fogo tem ocupado? Como procede? O inferno, é um lugar? Está dentro de nós? Ou é sempre destinado aos outros? (aluna A, 2018)

O trabalho desta aluna A desenvolve o tema do Inferno fazendo uma leitura entre o “Inferno” de Dante e a representação pictórica em causa. É uma leitura que revela um desafio de quem parte da língua e da literatura, para a análise da imagem. Para esta aluna, o desafio leva-a por uma viagem pela concepção de Inferno, na cultura mediterrânica. Dissecou o quadro procurando a relação entre Dante, apresentando paralelos iconográficos. Refere-se à luxúria, à vaidade ou à avareza. Não deixou de realizar o paralelo antropológico deste quadro, comparando o Diabo, que apresenta um “cocar” similar aos usados por indígenas do Brasil, com as imagens, publicadas por Hans Staden, de canibalismo que tanto impressionaram os europeus. Aponta a mudança de mentalidade face ao

quadro da “Adoração dos Reis Magos”, onde na figura do rei negro Baltazar surge como um índio brasileiro. A aluna A não deixou de captar esta mudança de atitude que se fez em relação ao índio brasileiro, dadas as notícias de canibalismo. Ela concluiu seu trabalho/reflexão escrevendo:

São os temas ancestrais do bem e do mal que o artista aborda e desenvolve na sua obra com uma lógica assustadora. É a justiça divina, é o inferno. Imagine um mundo em que o mal absoluto ficará sem punição! Dante e os seus discípulos na inovação, aspiram a um mundo mais humano e denunciam a injustiça. Estas são as mesmas preocupações sociais de hoje: o egoísmo, a tirania, a luxúria. É o que vemos a cada dia nas primeiras páginas da imprensa. Concluo, com as seguintes questões: o homem de hoje ficou na Idade Média? Ou estamos a caracterizar séculos, com graus diferentes? E por fim, podemos considerar que as pessoas têm uma vontade livre? (aluna A, 2018)

Tratou-se de um trabalho bem estruturado, que contribuiu com questionamentos e reflexão entre passado e presente, relevando a importância da História da Arte e da Leitura das imagens. A aluna aprofundou seu horizonte de pesquisa e interpretação, a partir da utilização de obras de autores como a Divina Comédia, de Dante Alighieri e a obra História e Descrições de uma Terra de Selvagens [...] de Hans Staden, em paralelo aos conteúdos apreendidos em aula, para redigir suas ponderações, que permitiram estabelecer conexões com a realidade atual.

A aluna D escolheu a obra “Santa Maria Madalena” de Josefa de Óbidos, que considerou “uma obra poética e com um significado profundo, que inspira a minha própria arte.” Vale ressaltar nesta observação, que a aluna desenvolve desenhos em seu cotidiano. Sendo ela, uma estudante **tímida, bem inserida nas** tradições de sua cultura, viu neste quadro, a juventude frágil de Maria Madalena representada por Josefa de Óbidos, uma artista mulher, caso singular no panorama artístico português. A aluna revela ainda que “fiquei tocada com a pintura porque vi uma realidade dos humanos.” De facto nesta pintura, Josefa de Óbidos expressa grande fragilidade na personagem da Maria Madalena, a fragilidade das mulheres, numa sociedade patriarcal. A aluna D analisa a luz e como essa claridade intensa expressa a fragilidade de Maria Madalena, sentida por ela mesma, essa fragilidade.

O último trabalho aqui comentado é do aluno G, que comparou dois quadros: “Adoração dos Magos” de António Campelo, cerca de 1570-1580, e “Adoração dos Magos” de Domingos Cerqueira, de 1828. Foi um trabalho ousado que se dedicou mais detalhadamente, a analisar aspectos formais de ambas as obras, ao realizar paralelos entre as composições. Seguiu ainda o texto bíblico, como fio condutor da sua análise. Abordou as questões das prevalências das

cores, do posicionamento dos personagens na composição e do tratamento da perspectiva. É um trabalho importante por revelar a capacidade de leitura do quadro em seus aspectos compositivos.

2. Narrativa construída

A escolha dos temas, dos trabalhos realizados pelos alunos, reflete uma narrativa sobre a arte portuguesa, entre uma arte profana e uma arte religiosa. Na arte profana a escolha recaiu em momentos determinantes da história portuguesa, os retratos de D. Sebastião, o “Terremoto de Lisboa” e as “Invasões francesas”. O rei D. Sebastião tem uma forte ligação com Marrocos. O terremoto de Lisboa foi uma catástrofe natural que une Portugal e Marrocos. A invasão de Lisboa pelos franceses foi, igualmente, um acontecimento comum com Marrocos, embora em períodos históricos diferentes.

Os temas religiosos parecem entrar no íntimo dos alunos, em dois casos, “O Inferno” e “Maria Madalena”. As obras foram o ponto de partida para análises introspectivas e pessoais. Embora apresentem níveis de profundidade diferentes, não deixam de refletir sobre a inserção cultural dos alunos, os seus sonhos e as suas interrogações. O “inferno” é um processo de controle social, ou refere-se às condições sociais que os homens vivem no seu quotidiano?

Por outro lado, a Maria Madalena não deixa de expressar a situação da mulher na sociedade, particularmente a “Maria Madalena” de Josefa de Óbidos, com o seu ar frágil. A aluna não deixa de se ver transposta nesta fragilidade da figura, que sempre foi controversa na história do catolicismo ocidental. Somente em tempos recentes, a igreja de Roma considerou Maria Madalena como apostola. Este reconhecimento revela a controvérsia da figura a quem Jesus primeiro apareceu no Domingo de Páscoa.

Partindo da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, história da arte/contextualização, leitura da obra de arte/apreciação e fazer artístico (Barbosa, 2009: 35), o que observamos?

A história da arte, ou seja, a narrativa da arte, é olhada a partir de uma visão crono-antropológica, integrando a obra de arte no tempo e na sociedade (artista) que a produziu (Didi-Huberman, 2013). A leitura da obra de arte é uma viagem pelo interior e pelas conexões que a obra de arte suscita. O fazer artístico é a expressão do tempo contemporâneo, partindo do princípio que “arte fora de um contexto histórico é arte sem memória” (Lucie-Smith, 2008).

Nestes trabalhos apresentados pelos os alunos houve incorporação da história da arte, a análise das obras e a expressão dos seus gostos e sentimentos, a partir de suas pesquisas, descrições e reflexões.

É crucial, nesta análise de trabalhos realizados, situar o contexto cultural ao qual pertencem os alunos. Eles encontram-se inseridos na sociedade marroquina, em um curso de línguas e cultura portuguesa. Diante de suas línguas natais, que geralmente são o berbere, o árabe, o francês e, em alguns casos, outros dialetos com os quais se expressam diariamente em casa com a família, torna-se um grande desafio aprender a língua portuguesa e fazer esta imersão. Eles são alunos de Letras e este aprendizado cultural se faz por meio de textos literários e das aulas. Não vivenciam esta língua na vida diária, mas desenvolvem uma interpretação literária.

Eles não possuem também a vivência quotidiana de contato com a arte portuguesa, que é apresentada nas aulas. Observa-se um grande interesse dos alunos em conhecer este ‘outro universo que se abre’, quando há a oportunidade de visualizarem obras de arte, sejam elas da pintura, desenho ou escultura, ou a arquitetura original de Portugal, que são abordadas em seus contextos histórico-sociais-artísticos, de acordo com as características de cada época, não somente de forma conteudista, mas buscando os pontos de contato e as aproximações com a arte que os cerca. Ao compreender e conhecer um pouco mais sobre a História da Arte Portuguesa, os alunos diante dos diálogos, questionamentos e reflexões que ocorrem nas aulas, desenvolvem a capacidade de refletir também sobre o seu tempo, sobre sua arte e podem se conscientizar da importância do Patrimônio Cultural, de forma mais abrangente. Estas aulas são momentos de partilhas. São pequenas sementes que se lançam neste terreno repleto de curiosidade pelo conhecimento de outra cultura.

A metodologia utilizada foi a narrativa história. Buscou-se determinar o contexto da sociedade que produziu a obra artística, que se difere do processo histórico da sociedade marroquina, que é muçulmana, onde houve uma ocupação europeia, sob a forma de protetorado, e que continua a ser uma monarquia. Esta cultura artística é muito diferente dos padrões da arte ocidental. Estas diferenças exigem uma metodologia que leve os alunos a interpretar a imagem e a estabelecer relações entre culturas, história, memória, hábitos, conscientização do seu ser no mundo e liberdade para expressar os sentimentos pessoais que as obras despertaram em suas percepções. Neste processo a cultura, as motivações dos alunos são um importante fator (Barbosa, 2008a).

Os trabalhos dos alunos revelaram, em alguns casos, uma exteriorização de sentimentos, face a interações individuais. Aqueles que melhor traduziram estas características foram os elaborados a partir das obras “Inferno”, pela aluna A, e “Maria Madalena”, pela aluna D.

Conclusão

Neste processo de educação artística, em que houve a realização de um trabalho académico por parte dos alunos, existiu um procedimento que conduziu ao resultado final.

O primeiro momento foi a escolha da obra a analisar. Esta seleção resultou de uma identificação pessoal, quando o aluno refletiu com cuidado a sua preferência. No segundo momento, a elaboração do trabalho levou ao aprofundamento de um tema, com o qual foi possível verificar que — a predileção do aluno refletiu um vínculo entre ele e a obra de arte — assim como, entre a sua sensibilidade, seus questionamentos pessoais e a sua realidade.

Ao final do trabalho, no terceiro momento, houve a tendência para o aluno expressar os seus sentimentos, ao justificar a sua escolha que se desenvolveu na redação do texto e na apresentação final. Estas conexões que se observaram entre a obra, o aluno e sua realidade, e a capacidade para repensar os contextos entre as diferentes épocas e culturas, foi um processo visivelmente mais consciente em alguns alunos, do que em outros. Isto dependeu da percepção, sensibilidade, cultura geral dos alunos e fundamentalmente da motivação.

O professor de História da Arte deve ter um duplo trabalho: o amplo enquadramento da obra de arte, em seu contexto histórico e cronológico, e também a sua descodificação, ao desvelar como a obra pode expressar um sentimento de época e das pessoas de seu período, podendo estabelecer relações com os contextos atuais.

Os trabalhos finalizados expressaram níveis diferentes de aprofundamento, de motivação, mas serão sempre um espaço onde os alunos poderão expressar o seu conhecimento, a organização de ideias e, essencialmente, permitirão revelar a capacidade de interpretação das diversas realidades, visões de mundo, mediante a reflexão e a sensibilidade dos estudantes.

Neste conjunto de trabalhos apresentados, considera-se de particular relevância: o “Inferno”, da aluna A, e “Maria Madalena”, pela aluna D, porque observou-se em ambos, maior convicção, aprofundamento, visão crítica e analítica, capacidade de síntese e a expressão de uma intimidade individual e coletiva, com sensibilidade para a realidade de ambas as culturas: a marroquina e a portuguesa.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (Org.) (2008a) *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva. ISBN: 978-85-273-0820-5
- Barbosa, Ana Mae (2008b) *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Cortez. ISBN 978-85-249-0790-6
- Barbosa, Ana Mae (2009) *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva. ISBN: 978-85-273-0047-6.
- Didi-Huberman, Georges (2013) *A imagem sobrevivente. Histórias da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto. ISBN: 978-85-7866-079-6.
- Gonçalves, Luís (2017) "História da Arte, contributo para o conhecimento íntimo das culturas: Universidade de Rabat e Faculdade de Belas-Artes de Lisboa". *Revista Matéria-Prima*. ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829. Vol. 2 (3): 185-192.
- Lucie-Smith, Edward (2008) "Arte moderna, história da arte e crítica de arte". *Ana Mae Barbosa. Arte/Educação contemporânea, consonâncias intencionais*. São Paulo: Cortez. pp. 25-39. ISBN: 978-85-249-1109-5